

O CUIDADO DO CORPO COMO CAMINHO DA ESPIRITUALIDADE: DA NATUREZA DO HOMEM DE HIPÓCRATES, AO ESPIRITO VIVIFICANTE DO APÓSTOLO PAULO.

Autor: Ricardo José Cavalcanti Sobral; Orientador: Fabrício Possebon

(Universidade Federal da Paraíba - Programa De Pós-Graduação Em Ciências Das Religiões – E-mail:
ricardossobral@yahoo.com.br)

Resumo:

Os cuidados sistemáticos com o corpo, com o fim de promover a saúde espiritual do homem, há muito tempo se populariza na sociedade. Por isso, torna-se importante entender e confiar nestes cuidados. Para o desenvolvimento espiritual, qualquer que seja a proposta, o corpo (sôma em grego) está implícito. Propomos apresentar neste trabalho um entendimento hipocrático de corpo, bem como uma análise paulina do físico e do espírito, para estabelecer um caminho confiável que leva à construção do homem espiritual saudável. A investigação está fundamentada na ideia da construção do ser, apresentado por Hipócrates em sua obra, “A natureza do homem” (original grego: perì hierês nousou). Além disso, abordaremos a compreensão do conceito de corpo (sôma) e espírito (em grego pneûma), bem como sua conexão, exposta pelo apóstolo Paulo, nos escritos bíblicos do Novo Testamento. Verificou-se que, tanto na medicina quanto na filosofia antiga gregas, o corpo (sôma) foi objeto de investigação para explicar o seu funcionamento. Médicos propuseram seus estudos para curar as aflições humanas e filósofos, por meio do estilo de vida que controlava os desejos, oferecia felicidade e bem estar corporal. A teoria hipocrática dos quatro humores diz que o homem é composto de sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, e que sua saúde é resultado do equilíbrio entre essas quatro matérias vitais. Para o apóstolo Paulo, o corpo é um templo (em grego naos) e o lugar onde habita o espírito de Deus, portanto, um instrumento para glorificação e serviço do bem. A partir dessas afirmações podemos concluir que a construção de uma vida saudável espiritualmente, pelo olhar cristão, passa por sinais externos advindos de um corpo são. Nossa suposição é que, se para Hipócrates o corpo (sôma) tem os quatro humores contidos dentro de si, e uma vez expurgados esses humores, retornando à sua própria natureza, o corpo do homem chega ao fim, para o apóstolo Paulo, por outro lado, o fim seria o começo, pois como o corpo seria transformado, o físico atual importava para ele. Portanto, o cuidado do corpo como um caminho para a espiritualidade será sempre representado pela busca constante da integração entre o sôma e o pneûma.

Palavras-chave: espiritualidade e saúde; corpo; espírito; Cristianismo primitivo; medicina hipocrática.

ABSTRACT

Systematic caring for the body, in order to promote the spiritual health of man, has long been popularized in society. Therefore, it is important to understand and trust these care. For spiritual development, whatever the proposition, the body (sôma in Greek) is implicit. We propose to present in this work a Hippocratic understanding of body, as well as a Pauline analysis of the physical and the spirit, to establish a reliable path that leads to the construction of a healthy spiritual man. The investigation is based on the idea of the construction of being, presented by Hippocrates in his work, "The Nature of Man" (Greek original: perì hierês nousou). In addition, we will address the understanding of the concept of body (sôma) and spirit (in Greek pneûma), as well as its connection, exposed by the apostle Paul, in the biblical writings of the New Testament. It has been found that in both Greek medicine and ancient philosophy, the body (soma) was the object of investigation to explain its functioning. Doctors proposed their studies to heal human afflictions and philosophers, through the lifestyle that controlled desires, offered happiness and physical well-being. The Hippocratic theory of the four humors says that man is composed of blood, phlegm, yellow bile and black bile, and that his health is the result of the balance between these four vital materials. For the apostle Paul, the body is a temple (in Greek naos) and the place where the spirit of God dwells, therefore, an instrument for glorification and service of the good. From these affirmations we can conclude that the construction of a healthy life spiritually, by the Christian look, passes through external signs coming from a sound body. Our assumption is that if for Hippocrates the body (sôma) has the four humors contained within

itself, and once these humors have been expurgated, returning to its own nature, the body of man comes to an end, to the apostle Paul, on the other side, the end would be the beginning, for as the body would be transformed, the actual physical matter to him. Therefore, the care of the body as a path to spirituality will always be represented by the constant search for integration between the *sôma* and *pneûma*.

KEYWORDS: spirituality and health; body; spirit; Early Christianity; Hippocratic medicine.

INTRODUÇÃO

Sugerimos neste artigo, observar alguns aspectos hipocráticos sobre o corpo, em diálogo com textos cristãos paulinos que associam o corpo (do grego *sôma*) com o espírito (do grego *pnêuma*), com o objetivo de refletir sobre um caminho que leva a construção do ser espiritual saudável. Por meio de revisão bibliográfica, a pesquisa será fundamentada na reflexão da obra de Hipócrates em textos bíblicos escritos pelo apóstolo Paulo.

Segundo Cairus (2005, p.38), a obra de Hipócrates (~ 460-370 a.C.), conhecida como *Corpus Hippocraticum*, é fascinante para aqueles que a leem. “O fascínio que o *Corpus hippocraticum* exerce em todos os que o lêem deve-se à riqueza de temas que ele entrega à reflexão [...]”. Além disso, ele também diz que, “devemos entender o *Corpus hippocraticum* como o momento inaugural de uma nova forma de pensar o corpo”. Essa nova forma de pensar sobre o corpo está contida na obra específica de Hipócrates, “A natureza do homem” (original grego: *perì hierês noúsou*). Nesta obra, De acordo com Botsaris, (2011, p.69), “Hipócrates desenvolveu a teoria dos humores, fluidos que acumulados no corpo poderiam ser causadores de doença ou de sintomas”. Na obra de Hipócrates, *Sobre a Natureza do Homem* (do grego *Perì physios anthrópou*), parágrafo quatro, “O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra [...] Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção [...]”¹. Entendemos assim que, o homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, estimular o processo de equilíbrio entre eles, não tendo nem mais ou menos, é a permanência da saúde. Pois, o corpo saudável, para Hipócrates, era o equilíbrio entre o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra.

Há nos textos bíblicos escritos pelo apóstolo Paulo, uma adesão do *pneûma* ao *sôma*. O apóstolo Paulo, sugere uma ideia holística, que leva em conta e que integra corpo e espírito numa unidade indivisível que acentua a integridade e a saúde. Para o apóstolo, o corpo e o espírito não se opõem de modo algum à vida humana, eles são complementares, estando sempre em constante relação. Na interpretação Paulina sobre o corpo, tanto ele é sujeito, bem como instrumento no

¹Τὸ δὲ σῶμα τοῦ ἀνθρώπου ἔχει ἐν ἑαυτῷ αἷμα καὶ φλέγμα καὶ χολὴν ξανθὴν τε καὶ μέλαιναν... Ὑγιαίνει μὲν οὖν μάλιστα, ὁκόταν μετριῶς ἔχη ταῦτα τῆς πρὸς ἀλλήλα κρήσιος...(4)

processo da saúde espiritual. Dessa forma percebemos, pelo olhar cristão, que não devemos prosseguir sem uma breve elaboração da verdade de que o corpo é parte integrante do espírito.

Diante do exposto, percebemos finalmente, que é pela transformação do corpo e do espírito que se desenvolve o homem espiritual saudável, em uma busca constante da integração entre o sôma e o pneûma.

O CORPO NA VISÃO HIPOCRÁTICA

Sobre a biografia do Hipócrates há muitas incertezas. Como diz Cairus (2005, p.38), “nem tudo o que a tradição clássica conservou tem fundamento histórico”. Por esta razão, vejamos uma síntese, feita a partir de inúmeras fontes:

Hipócrates, filho de Heraclides, nasceu em Cós e que uma parte importante de sua vida transcorreu nas últimas décadas do século V a. C; que ele era um "asclepiáde", membro de uma espécie de corporação de médicos ligados por laços familiares ou profissionais; que aprendeu os rudimentos da profissão com o pai; que atuou em vários lugares, ensinou medicina mediante pagamento, criou, desenvolveu ou divulgou conceitos inovadores a respeito da arte médica; que escreveu a respeito de assuntos médicos; que desfrutou, em vida, de grande renome; que morreu, possivelmente, durante uma de suas viagens, nas primeiras décadas do século IV a. C, e que pode ter sido enterrado em Larissa, na Tessália. (CAIRUS, 2005, p. 24).

Conforme Botsaris (2011 p. 68), a presença de Hipócrates foi tão marcante em sua época que ele “criou a escola hipocrática em Cós, onde despontaram outros nomes da medicina grega como Crisipos e Praxágoras”.

Mediante a essas informações, a visão de corpo, encontrada na Grécia Antiga pela medicina da sua época, sofreu grande influência do pensamento Hipocrático no século V a.C. Parece que a partir das obras de Hipócrates é que temos acesso ao pensamento grego do seu período sobre a constituição do corpo (sôma). Esse acesso nos chega por meio da extensa obra de Hipócrates que está compilada numa série de volumes conhecidos como a Coleção Hipocrática² (*Corpus Hippocraticum*), que de acordo com Botsaris (2011, p. 68), “foi feita por Ptolomei, general das tropas de Alexandre o grande, e guardado na biblioteca de Alexandria”.

² Botsaris (2011, p. 68) diz também que essa coletânea compreende também outros escritos feitos posteriormente por autores diversos, formando algo entre setenta e cem volumes, dependendo da organização feita nos trabalhos.

Enfocaremos a constituição do sôma, por meio da obra de Hipócrates *Sobre a natureza do homem* (*Peri physios anthrôpou*). O nosso intuito é descrever como ele percebeu a constituição do homem. Hipócrates inicia a sua teoria, sobre a constituição do corpo (sôma), combatendo categoricamente as afirmações dos pensadores que diziam que a natureza (em grego physis) humana era composta de ar, fogo, água e sangue. “Digo, pois, não ser o homem, por completo, nem ar, nem fogo, nem água, nem terra, nem nenhum outro elemento que não é manifesto no interior do próprio homem, mas deixo de lado aqueles que querem falar tais coisas”³. No parágrafo dois, Hipócrates também combate a medicina arcaica, que dizia que o homem era constituído de apenas uma única substância, afirmando que, “Não me parece, no entanto, serem estas coisas assim”⁴. Uma vez estabelecido o seu combate contra as afirmações, tanto dos pensadores quanto da medicina de sua época, Hipócrates passa a definir sua proposição ao estabelecer a teoria dos quatro humores. Ele afirma que: “o corpo do homem tem em si sangue, fleuma, bílis amarela e negra, e essa é a natureza (*physis*) do corpo dele”⁵. A partir desse enunciado, Hipócrates entende que a saúde do homem seria estabelecida mediante o “resultado do equilíbrio entre essas quatro matérias vitais”, (CAIRUS, 2005, p.41). Hipócrates também faz uso do termo *pneûma*, como parte vital para manutenção da vida, no entanto de uma forma material, como diz Possebom, (2016, p. 124):

Continua, todavia, em Hipócrates, a aceitação de um elemento vital para manter a vida; este provém do ar e circula junto com o sangue, mas não é o sangue, é outra coisa. Supomos que alguma materialidade ele devesse aceitar para o *pneûma*, de modo que o mesmo continua a fazer parte de seu sistema materialista. (POSSEBON, 2016, p. 124).

Uma vez estabelecido que o sôma era composto pelos quatro humores, Hipócrates passa a descrever, na sua obra, o que causa a doença e como curar o mal que acometia o corpo.

Para Hipócrates as doenças aconteciam por causa: “umas das dietas, outras do ar, o qual inspiramos para viver”⁶. Em outras palavras as doenças seriam causadas pelo que o homem comia ou pelo que ele respirava. Para ele os médicos deveriam se opor “às constituições das doenças, às características físicas, às estações e às idades, e relaxar o que estiver tenso, e retesar o que estiver

³ οὔτε γὰρ τὸ πάμπαν ἥερα λέγω τὸν ἄνθρωπον εἶναί οὔτε πῦρ, οὔτε ὕδωρ, οὔτε γῆν, οὔτ' ἄλλο οὐδέν, ὃ τι μὴ φανερόν ἐστιν ἐνεῖν ἐν τῷ ἄνθρωπῳ· ἀλλὰ τοῖσι βουλομένοισι ταῦτα παρήμι.(1)

⁴ Ἐμοὶ δὲ οὐδὲ ταῦτα δοκεῖ ὧδε ἔχειν. (2)

⁵ τὸ δὲ σῶμα τοῦ ἀνθρώπου ἔχει ἐν ἑωυτῷ αἷμα καὶ φλέγμα καὶ χολὴν ξανθὴν τε καὶ μέλαιναν, καὶ ταῦτ' ἐστὶν αὐτέῳ ἢ φύσις τοῦ σώματος [...] (4)

⁶ αἰ μὲν ἀπὸ τῶν διαιτημάτων, αἰ δὲ ἀπὸ τοῦ πνεύματος, ὃ ἐσαγόμενοι ζῶμεν. (9)

relaxado”⁷. Hipócrates entendia que atuando desta forma, “o sofrimento cessaria de fato”⁸, e isto lhe demonstraria ser a “cura”⁹.

A proposta terapêutica de Hipócrates para a cura era baseada na busca do bom funcionamento orgânico do corpo. Na sua concepção não havia espaço para o que não fosse corpóreo. De acordo com Ribeiro Jr, (2005, p. 207-208), o tratamento oferecido por Hipócrates era:

Um dos procedimentos mais utilizados era a purgação (κάθαρσις, literalmente "purificação"), a eliminação dos humores nocivos, obtida através da administração de alimentos e de medicamentos laxantes, eméticos, expectorantes e esternutatórios, e de clisteres, insuflações, supositórios, sangrias, incisões para a drenagem de pus e até mesmo trepanações cranianas [...] Os humores nocivos acumulados tinham que ser mobilizados, o que era obtido pela aplicação de ventosas, fomentações, fumigações (inaladas ou por via vaginal) e cauterizações. Preconizava-se invariavelmente uma *dieta* (δίαιτα), que compreendia alterações em todo o estilo de vida. (RIBEIRO JR., 2005, p. 207-208).

Diante do exposto, é possível perceber que Hipócrates não consegue ter uma visão além do que seja: “uma abordagem palpável ou concretamente observável”. (POSSEBON, 2016, p. 122). Parece-nos que, para Hipócrates, nada poderia ir além da racionalidade. A possibilidade de um modelo sobre-humano para elucidação dos eventos ocorridos com o sôma seria impossível para ele, pois a sua busca por causas concretas, para a saúde e a para a doença, estava contida na explicação racional do equilíbrio ou desequilíbrio dos humores que compunham o ser.

O ESPÍRITO VIVIFICANTE DO APÓSTOLO PAULO

O conceito de corpo (sôma) e espírito (pneûma), desenvolvidos pelo apóstolo Paulo, deve ser entendido a partir de uma análise da influência que ele teve dos escritos bíblicos na velha aliança.

No que diz respeito ao termo sôma, o Antigo Testamento emprega diversos termos para expressar o aspecto físico, temporal e espacial do homem. No entanto, de acordo com Coenen e Brown, (2000, p. 439), “Não há equivalente heb. no AT que corresponda à idéia gr. de sôma”. Porém, na versão Septuaginta do Antigo Testamento (LXX), o termo sôma é empregado para

⁷ ἴστασθαι τοῖσι καθεστρωμένοι καὶ νοσήμασι καὶ εἶδεσι καὶ ὄρησι καὶ ἡλικίῃσι, καὶ τὰ ξυντείνοντα λύειν, καὶ τὰ λελυμένα ξυντείνειν. (9)

⁸ ἀν μάλιστα τὸ κάμνον ἀναπαύοιτο (9)

⁹ ἦσις(9)

indicar a mesma ideia que o termo carne (em hebraico *bāsār*), que para Coenen e Brown (2000, p. 439), significa, “o homem na sua corporalidade individual”. Essa dificuldade para encontrar equivalente para o termo *sôma* é explicada por White, (2008, p. 1181-1182):

As antigas línguas semitas não distinguem os modos de ser do homem da mesma maneira que a terminologia mecanicista da ciência. O acadiano, o ugarítico, o hebraico, o fenício e o aramaico entendem o homem como divisível horizontalmente. Estas línguas separam o conceito externo, a aparência do *homem*, visto de fora, do interno, a aparência do homem para si mesmo [...]. Por essa razão, não há termo equivalente a “corpo”, como algo distinto de “alma” ou “espírito”. (WHITE, 2008, p. 1181-1182).

Com isso podemos aferir, com certa dificuldade, que o sentido básico, porém, é o corpo como pessoa inteira, conforme podemos ver em Levítico 19.28, “Pelos mortos não ferireis a vossa carne (*bāsār*); nem fareis marca nenhuma sobre vós. Eu sou o SENHOR”¹⁰.

Para o termo *pneûma* a palavra que melhor expressa no Antigo Testamento é o termo hebraico *rûach*. De acordo com Champlin (1995, Vol. 2, p. 510), o termo quer dizer “«respirar» ou «soprar». O substantivo pode ser traduzido como «respiração» (por exemplo, Sal. 18:15; em português, «resfolgar»), «vento» (por exemplo, Gên. 8:1) ou «espírito». Seguindo esse mesmo raciocínio, Coenen e Brown (2000, p. 439), desenvolve um pensamento importante sobre o espírito (*rûach*):

Este fato revela a maneira de o AT falar do homem: não clinicamente, com seus atributos humanos classificados em ordem, mas, sim, concretamente, [...]. O pensamento implícito em *rûah* é que a “respiração”, com o movimento do ar que ela acarreta, é a expressão externa da força vital inerente em todo o comportamento humano. (COENEN E BROWN, 2000, p. 715).

Isto posto, podemos supor que o apóstolo Paulo recebeu um conceito de espírito, como uma força vital do homem. As informações que ele recebeu, advindas do Antigo Testamento, pareciam dizer que o espírito de um ser humano denotava sua autoconsciência e espiritualidade, ou seja, seu relacionamento com Deus, conforme encontramos em Gênesis 2:7. “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser

¹⁰ Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

alma vivente”¹¹. Contudo, não nos parece que o Antigo Testamento apresente o homem como uma dicotomia ou tricotomia, mas sim como um todo, embora o espírito e a carne não sejam a mesma coisa. Como diz Coenen e Brown, (2000, p. 715), “a carne (sôma) denota mais a aparência do ser criado, efêmero e mortal, enquanto que o espírito (pneûma) apresenta o ser humano em seus relacionamentos com Deus e com o próximo”.

A obra paulina neotestamentária é vasta. Dos vinte sete escritos que compõem o Novo Testamento, treze são de sua autoria. Sua obra coloca o leitor diante de uma antropologia que está em constante conflito. Coenen e Brown (2000, p. 719), explica essa tensão: “De um lado, o pano de fundo de seu pensamento, é o AT, mas de outro lado, ele se vê obrigado a lançar mão de outros elementos religiosos e culturais a fim de ser compreendido por seus leitores gentios”. Assim, nos parece que o apóstolo Paulo apresenta uma cadeia de diferentes usos das palavras pneûma e sôma em seus escritos, a qual torna muito difícil ser taxativo quanto ao sentido correto em que uma palavra deve ser compreendida.

Vejamos o uso de espírito (pneûma) pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 16.18: “Porque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso. Reconhecei, pois, a homens como estes”¹². De acordo com Morris, (1981, p. 197), a frase, “refrigério ao meu espírito, traz um caráter emocional com necessidade de descanso aos cansados e sobrecarregados”.

O conceito paulino do termo sôma reflete o largo alcance dos vários sentidos que a palavra tinha no mundo grego em geral, bem como no pensamento do Antigo Testamento. O apóstolo Paulo declara em Romanos 12.1: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo (sôma) por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”¹³. Para Strong, (2002, p. 1621), A palavra “racional” (em grego *lógikos*), tem a ver com “razão; lógica espiritual, que pertence à alma”. Para Bultmann, (1987, p. 192), o termo corpo (sôma), “demonstra claramente que não é meramente um meio de expressão, mas a pessoa total”. Portanto, parece que a totalidade do corpo não é algo apenas ascendente, mas também transcendente.

Na perspectiva paulina, a comunicação sôma/pneûma parece acontecer. Um texto que pode descrever essa possibilidade é 1 Coríntios 2.11 “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? [...]”¹⁴. De acordo com Morris, (1981, p. 46), “Ninguém

¹¹ Idem

¹² Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2a Edição, 1993.

¹³ Idem

¹⁴ Idem

pode saber realmente o que se passa no interior de um homem – ninguém, exceto o espírito desse mesmo homem”.

Diante do que foi exposto, nos parece que a ideia da constituição do corpo, na visão hipocrática, não cabia no conceito paulino. No entanto, podemos fazer uma aproximação entre os conceitos de Hipócrates e do apóstolo Paulo por meio da busca pela saúde do sôma. Ambos lutavam para proteger o ser humano dos pensamentos da filosofia, da medicina arcaica e da religiosidade de suas épocas. Hipócrates combatia o conceito de que a cura vinha por meio da intervenção divina e a teoria antropológica do apóstolo Paulo não assimilava o pensamento greco-romano da dicotomia ou tricotomia da separação do ser.

Essa aproximação que havia, no cuidado do corpo entre ambos, era dissipado quando eles apresentavam seus conceitos. Para Hipócrates o método proposto estava pautado no raciocínio médico lógico. Por meio de sua teoria dos humores um diagnóstico deveria ser feito e um tratamento adequado seria instituído, com o intuito de deixar o corpo no seu estado de equilíbrio. Para Hipócrates nada era concebível além disso. De acordo com o apóstolo Paulo a constituição do corpo (sôma) transcendia o terreno. Parece-nos que o apóstolo Paulo não explicava o humano por meio das ciências naturais: a física, a química ou a biologia.

Por um olhar do cristianismo primitivo, observamos que a vida real não exclui de forma alguma a espiritualidade. De fato elas se confundem, pois, o cuidado do corpo como um caminho para a espiritualidade, de acordo com a visão paulina do ser, será sempre representado pela busca constante da integração entre o sôma e o pneûma.

CONCLUSÃO

As bases conceituais de saúde e doença difundidas pela medicina arcaica desencadearam a crença de que a cura acontecia mediante ação de divindades. Entretanto, com difusão da obra de Hipócrates, conhecida como o Corpus Hippocraticum, surgiu um novo enfoque sobre os conceitos de saúde, que com base empírica baseava sua proposição de que as doenças tinham como agente uma causa natural. Hipócrates entendia que a saúde era resultado de um equilíbrio dos humores, sangue, fleuma, bÍlis amarela e a bÍlis negra. Segundo ele, na doença, os organismos patológicos impediriam a força de equilíbrio corporal. Deste modo o papel da medicina seria estimular esse processo de busca do balanceamento.

Conforme o pensamento do apóstolo Paulo, espiritualidade é simplesmente a qualidade holística da vida humana, no que diz respeito a composição do ser. De acordo com as várias passagens da Bíblia, o apóstolo Paulo apresentou o relacionamento entre o sôma e o pneûma como uma simbiose que perfazem o todo, tendo o diálogo entre o corpo ascendente e o espírito transcendente, de forma constante.

A discussão acima nos permite concluir que a visão sobre saúde e doença na visão paulina reflete pensamentos, conforme os quais, a saúde é obtida pela harmonia sôma/pneûma que compõe o homem integral. O corpo e o espírito vivem em constante diálogo para o bem estar do ser. Para o apóstolo, o desenvolvimento espiritual implicava também o cuidado com o corpo. Assim a declaração: “glorificai a Deus no vosso corpo”¹⁵, contida em 1 Coríntios 6.20, permite-nos perfeitamente relacioná-la, não apenas a importância da oração, da reflexão, ou até mesmo a leituras motivacionais, bem como também a prática da atividade física. Certamente, hábitos saudáveis devem ser colocados em prática de uma forma diária para manter o organismo em condição de trilhar um caminho para a espiritualidade sempre representado pela busca constante da integração entre o sôma e o pneûma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Coríntios 16.18 In: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

1 Coríntios 2.11 In: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

1 Coríntios 6.20 In: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

BOTSARIS, Alexandros. A ciência média – um modelo obsoleto? In: PELIZZOLI, Marcelo (org.). **Saúde em novo paradigma: alternativas ao modelo da doença**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

BROWN, Colin, COENEN, Lothar (orgs.); **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo; Vida Nova, 2000.

BULTMANN, Rudolf. **Crer e Compreender**. Artigos Seleccionados. Editor: Walter Altmann. Trad. Walter O. Schlupp e Walter Altmann. Editora Sinodal. São Leopoldo, RS. 1987.

Gênesis 2.7 In: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

Levítico 19.28 In: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

¹⁵ Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

MORRIS, Leon, **1 Coríntios: Introdução e Comentário**, São Paulo, Edições Vida Nova & Editora Mundo Cristão, 1981.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo**. São Paulo: Paulus, 1982.

POSSEBON, Fabricio. **Espiritualidade e Saúde: A Experiência Grega Arcaica**. In: Revista Interações – Cultura e Comunidade, volume 11, número 20, p. 115-128, 2016.

RIBEIRO JR., Wilson; CAIRUS, Henrique. **Textos Hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

Romanos 12.1 In: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong: léxico hebraico, aramaico e grego de Strong**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WILLIAMS, David J. **Novo comentário bíblico contemporâneo: Romanos**. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996.

WILLIAMS, Derek. **Dicionário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2000.